

HEBE

A B I O G R A F I A

Artur Xexéo

1ª edição



BestSeller

RIO DE JANEIRO | 2017

SUMÁRIO

PREFÁCIO: Hebe e eu.....	7
CAPÍTULO 1: “Vocês vão me massacrar”	13
CAPÍTULO 2: “Uma família muito pobre, mas alegre”	28
CAPÍTULO 3: “Foi um amor que parecia um inferno”	45
CAPÍTULO 4: “Adeus, meu amor, Serafim”	63
CAPÍTULO 5: “Às vezes, me meto em cada aperto...”	80
CAPÍTULO 6: “Meu sucesso crescia a cada dia”	98
CAPÍTULO 7: “E o Agnaldo?”	117
CAPÍTULO 8: “Nós queremos e podemos”	127
CAPÍTULO 9: “Se tocarem uma música de que eu goste...”	145
CAPÍTULO 10: “Eu estava ficando Amélia demais”	160
CAPÍTULO 11: “Queridinho, eu tenho que descer uma escada”	176
CAPÍTULO 12: “Precisamos de vergonha na cara”	192
CAPÍTULO 13: “Xuxa, eu sou você amanhã”	205
CAPÍTULO 14: “Nunca consegui ganhar tanto dinheiro”	218
CAPÍTULO 15: “É difícil ter apenas um coração”	232
POSFÁCIO: Eu e Hebe	253
Agradecimentos	259
Mensagem de Marcello Camargo a sua mãe.....	261
Mensagem de Claudio Pessutti a sua tia Hebe	263

PREFÁCIO

HEBE E EU

Minha avó materna, dona Candoca, foi quem me apresentou a Hebe Camargo. Era ela, a minha avó, quem controlava o seletor de canais da moderníssima TV importada de 18 polegadas que tinha lugar de destaque na sala de visitas do apartamento em Copacabana. E era para lá que eu ia, quase todo dia, depois da aula. Eram três os canais. No canal 6, a TV Tupi, parte da família gostava de assistir ao *Repórter Esso* e ao *Grande Teatro* de Sergio Britto. O canal 13, da TV Rio, exibia meus programas favoritos, quase todos shows humorísticos, como *Noites Cariocas* e *O Riso é o Limite*. Ao 9, a TV Continental, ninguém assistia. Quer dizer, quase ninguém. Pelo menos uma vez por semana, minha avó sintonizava o menosprezado canal 9. Era quando ia ao ar o programa da Hebe Camargo.

Não era difícil entender por que ela gostava tanto da Hebe. Dona Candoca era leitora assídua da *Revista do Rádio*, mas rejeitava os cantores populares, que considerava vulgares. Nada

de Marlene ou Emilinha Borba, ou qualquer outra cantora que fosse presença constante na Rádio Nacional, celeiro de artistas que mobilizavam fã-clubes. Na Nacional, sua única concessão eram as novelas. Ouvia todas. Dona Candoca era uma sonhadora. E Hebe Camargo cumpria as exigências que ela impunha para quem considerava uma boa cantora. Elegante, refinada e romântica, cantava contracenando com um botão de rosa vermelho. Não sei por que eu achava que a rosa era vermelha. Afinal, a TV era em preto e branco.

Eu me lembro de um Natal em que os netos fizeram uma vaquinha para comprar um presente para dona Candoca. O que ela mais gostaria de ganhar? Um disco da Hebe, é claro. Entregue e desembulhado o presente, uma das músicas do LP logo se destacou no repertório: “Quem é?”, de Osmar Navarro e Oledemar Magalhães.

*Quem é que lhe cobre de beijos
Satisfaz seus desejos
E que muito lhe quer
Quem é?*

Durante muito tempo, a Hebe cantando “Quem é?” ocupou o primeiro lugar no *hit parade* daquela casa. Minha avó adorava. E, agora, confesso: eu também.

Não muito depois daquele Natal, me mudei do Rio com meus pais e descobri que a TV podia oferecer mais opções que os três canais cariocas. Em São Paulo, eram cinco as estações. Eu via o *Sítio do Picapau Amarelo* na Cultura, o programa da Bibi Ferreira na Excelsior, o *Grande Show União* na Record, os

teleteatros do *TV de Vanguarda* e do *TV de Comédia* na Tupi. Além disso, quase todo dia tinha algum programa da Hebe na TV Paulista. Ela era uma estrela absoluta em São Paulo. Era difícil, no horário nobre, girar o seletor de canais e não esbarrar em algum show apresentado por ela. Descobri um jeito de matar as saudades da televisão carioca, do Rio e da minha avó: assistindo aos programas de Hebe na TV Paulista.

Nós ainda morávamos na capital paulista quando Hebe se casou e largou a carreira. Foi uma comoção, refletida nas muitas páginas de jornais e revistas que cobriram a cerimônia de casamento com Décio Capuano, o nascimento do filho do casal, Marcello, o cotidiano de dona de casa que ela abraçava e as muitas especulações sobre sua volta à vida artística.

Só vi alvoroço maior quando Hebe voltou de verdade e estreou na TV Record. Antes de a Globo lançar o *Fantástico*, era *Hebe* o programa que dominava o horário nobre aos domingos. O sofá no palco do Teatro Record no qual a mais querida apresentadora do Brasil recebia seus convidados virou uma instituição nacional. Ninguém tinha prestígio suficiente neste país se não se sentasse ali para ser entrevistado. O programa na Record durou oito anos, e, depois dele, Hebe afastou-se de novo da televisão.

Nesse período, eu voltei para o Rio, formei-me em jornalismo e deixei Hebe de lado. Até receber, como repórter da sucursal carioca da revista *Veja*, a pauta que me reaproximaria dela: cobrir sua estreia na TV Bandeirantes. Hebe retornava à televisão mais uma vez, e eu fui enviado para São Paulo a fim de entrevistá-la — além de assistir ao primeiro programa na nova emissora, naturalmente. Fui recebido na famosa casa do Morumbi onde ela morava com o segundo marido, o empresário Lélvio Ravagnani.

Me senti honrado. Não era qualquer um que se sentava no sofá de Hebe — e era o sofá da sua sala de estar, não uma peça de cenografia! Mas, acredite, quem parecia honrada era ela. E a estrela não entendia por que a *Veja*, “uma revista séria”, estava interessada no seu regresso à TV. “Isso é assunto?”, me perguntou. “Claro que é”, respondi. “Você é a Hebe Camargo.”

Depois disso, eu só via Hebe na telinha. De vez em quando ela era citada em uma ou outra nota na coluna que mantive no *Jornal do Brasil* e ainda mantenho no *Globo*. Até o dia em que ela me achou, por telefone, no estacionamento de um shopping center no Rio. Já estava doente. Tinha passado um tempo afastada do horário nobre — agora no SBT — para cuidar da saúde, mas uma semana antes do telefonema havia retomado as atividades. Foi um programa emocionante, que celebrou a sua volta à TV. Amigos na plateia, amigos no palco, todo mundo queria mostrar à Hebe o quanto ela era querida. E foi sobre esse sentimento que eu escrevi na minha coluna daquela semana. A TV e a Hebe viveram um casamento perfeito por mais de sessenta anos. Sem a Hebe, a TV tinha ficado sem graça. Com ela de volta, a televisão fazia sentido novamente.

Pois ali, no estacionamento do shopping, o celular tocou e alguém me disse que Hebe Camargo queria falar comigo. Fiquei paralisado. Era ela mesma do outro lado da linha. Queria agradecer pelo que eu tinha escrito na coluna. Me deu vontade de chorar. Chorei. Ali, no estacionamento do shopping, imaginei quantos elogios, quantas homenagens a Hebe já tinha recebido, e mesmo assim ainda se dava ao trabalho de telefonar para agradecer àquele que talvez tenha sido o menos importante dos elogios, a mais singela das homenagens. Querendo mostrar a

intimidade que tinha com ela, falei da minha avó, do programa da TV Continental, do disco que nós, os netos, compramos, da minha canção preferida... No fim, cantamos em dueto “Quem é?”. Eu não podia vê-la, mas tenho certeza de que a Hebe estava segurando a gargalhada diante de minha desafinação.

Voltamos a nos ver quando ela recebeu o prêmio Faz Diferença, do jornal *O Globo*, em uma festa no hotel Copacabana Palace. Não nos falamos, pois era difícil chegar perto dela. Era a mais requisitada de todos os premiados. Dos donos do jornal aos estagiários que cobriam a festa, todos queriam ficar perto dela. Eu não tive a menor chance. A certa altura da noite, trocamos olhares. Acho que foram olhares cúmplices e que, em pensamento, reprisamos nosso dueto cantando baixinho:

“Quem é que lhe cobre de beijos?”

Quis o destino que eu encontrasse a Hebe mais uma vez, quando fui convidado para escrever sua biografia. Durante um ano e meio convivi com ela, coletando dados para descrever a trajetória de uma personalidade esfuziante, que ajudou a contar a história da televisão brasileira. Impossível não lembrar todos os nossos encontros. Impossível não lembrar minha avó.

Ah... e minha intuição estava certa. Enquanto apurava informações para minha pesquisa, descobri que as flores preferidas da Hebe eram as rosas vermelhas, rosas da mesma cor que eu identificava no velho aparelho de TV em preto e branco da dona Candoca.

Que este livro seja um brinde, como os muitos com que ela celebrou a alegria de viver. “À vida”, ela costumava dizer enquanto batia taças de champanhe. Com este livro, eu brindo com a Hebe: à vida!

CAPÍTULO 1

“VOCÊS VÃO ME MASSACRAR”

J á estava tudo pronto no estúdio principal da TV Cultura, em São Paulo. Era a noite de 17 de agosto de 1987, uma segunda-feira. A arena de dois andares estava montada. O cartunista Paulo Caruso aguardava em seu posto a hora de registrar as expressões da entrevistada e dos entrevistados. Luz ajustada, câmeras posicionadas. Os jornalistas convidados para fazer as perguntas já ocupavam seus lugares. Como era hábito na época, mesmo em estúdios de TV, cada entrevistador tinha um cinzeiro à sua frente. Quase todos já tinham posicionado seus maços de cigarro num lugar de fácil acesso. Ali estavam Boris Casoy, da *Folha de S.Paulo*, Giba Um, da *Folha da Tarde*, o escritor Ruy Castro, Ricardo Kotscho, do *Jornal do Brasil*, José Roberto Paladino, da revista *Afinal*, Otávio Mesquita, da TV Manchete, e Leão Lobo, também da *Folha da Tarde*. Quando o jornalista Augusto Nunes, apresentador do programa, entrou em cena, logo percebeu que nem tudo estava tão pronto assim.

A cadeira no centro da arena, reservada para o entrevistado da semana, permanecia vazia. Em 15 minutos o programa entraria no ar. Nunes só tinha uma pergunta: “Cadê a Hebe?”

O cenário era do *Roda Viva*. Não fazia um ano que estava no ar e já era um dos mais respeitados programas de entrevistas da televisão brasileira. A atração das noites de segunda-feira da TV Cultura se orgulhava de ter sabatinado a fina flor da política brasileira da época. Era uma espécie de entrevista coletiva cujos entrevistadores brilhavam nas equipes mais talentosas de jornais e revistas do país. O ministro da Justiça Paulo Brossard, o ex-secretário-geral do Partido Comunista do Brasil, Luís Carlos Prestes, o ex-candidato do Partido dos Trabalhadores ao governo do Rio de Janeiro, Fernando Gabeira, e o caçador de marajás, Fernando Collor de Mello, foram alguns dos destaques no centro da arena.

A convidada daquela noite, porém, não tinha nada a ver com líderes de partidos ou políticos em ascensão. Hebe Camargo — seria ela a entrevistada — era só uma apresentadora de TV. E, para desespero de Augusto Nunes, não estava à vista. Em um programa transmitido ao vivo, o suposto desaparecimento da estrela seria mesmo capaz de desesperar qualquer mediador.

Aquela era a segunda edição do *Roda Viva* liderada por ele. Recentemente escalado para substituir o também jornalista Rodolpho Gamberini, a entrevista com Hebe tinha sido ideia do próprio Augusto Nunes. Ela estava com 58 anos e completava quarenta de carreira. Mais precisamente 43, como gostava de corrigir. Nas semanas que antecederam sua participação no *Roda Viva*, concedera entrevista para as prestigiosas páginas amarelas da *Veja*, tinha sido capa da *Afinal*, uma publicação semanal que tentava competir com a *Veja* e a *Istoé*, e seu perfil ocupara uma

página inteira do caderno “Ilustrada” da *Folha de S.Paulo*. Para usar uma expressão que mesmo naqueles tempos já caíra em desuso, Hebe estava “na crista da onda”. Tudo era resultado do sucesso que vinha fazendo seu programa semanal no SBT.

Contratada pela estação do animador Silvio Santos havia um ano e meio, Hebe recebia, nas noites de terça-feira, artistas, políticos, celebridades em geral. Era uma espécie de sala de visitas que funcionava como uma extensão da casa dos espectadores. O SBT era novo, tinha apenas seis anos de idade, e contava com Hebe Camargo como sua principal atração. Não era rara a noite em que a audiência de Hebe batia a da TV Globo, já campeã absoluta de Ibope. Todo esse sucesso credenciava a apresentadora a submeter-se ao esquema de perguntas e respostas do *Roda Viva*. “Sugeri uma entrevista com a mulher que era a cara da televisão brasileira”, justifica hoje Augusto Nunes.

Mas, para que a entrevista acontecesse, era necessário que a “cara da televisão brasileira” estivesse presente nos estúdios da TV Cultura. De olho no relógio, Augusto Nunes tratou de procurá-la. Percorreu a emissora para, enfim, encontrar Hebe no gabinete de Roberto Muylaert, o então presidente da Fundação Padre Anchieta, responsável pelo funcionamento da estação. No entanto, não ficou muito animado quando a viu. Hebe não parecia disposta a cumprir o compromisso.

O figurino era o de uma estrela. Ela usava um *tailleur* marinho com gola branca. As joias não poderiam faltar: uma gargantilha de duas voltas de pérolas com ouro e brilhantes. Nas orelhas, argolas de ouro e brilhantes. O cabelo estava preso em uma trança longa, mas algo não compunha bem com o visual. Hebe estava tremendo dos pés à cabeça. Feito uma iniciante.

Nunes tentou tranquilizá-la dizendo que ela ia “dar um baile”, mas não foi o bastante para convencê-la.

“Vão me humilhar. Vão gozar do que eu falo”, dizia Hebe, referindo-se aos jornalistas que a esperavam no estúdio.

“É o teu mundo”, rebatia Nunes. “Eles é que estão nervosos. Eu é que fico inibido.”

Já tinha sido difícil convencê-la a aceitar o convite. Quando Augusto Nunes entrou em contato com Hebe pela primeira vez, sua reação foi de espanto: “Eu? Por quê?”

Hebe dizia que não tinha “conhecimento” para aguentar uma hora e meia de sabatina. Na avaliação de Augusto Nunes, ela era insegura e tinha medo daqueles que definia como “intelectuais”. O fato de só ter estudado até o quarto ano primário, que equivale atualmente ao quarto ano do ensino fundamental, a marcara para o resto da vida.

Durante sua trajetória, Hebe ouviu, mais de uma vez, que Walt Disney, o poderoso produtor de cinema americano, também só tinha estudado até o quarto ano. Nessas ocasiões, ela sempre replicava com o mesmo argumento: “Ah, mas ele era o Walt Disney.”

O mediador, enfim, conseguiu levá-la, ainda que contrariada, até o estúdio, onde Hebe não disfarçou o temor: “Nossa! Só tem intelectual. Só tem gente que escreve livro.”

A cada jornalista que a cumprimentava, ela demonstrava a angústia que vinha sentindo: “Estou morrendo de medo. Vocês vão me massacrar. Vão me tratar como ignorante.”

“Ela se considerava inculta”, analisa Nunes, “e achava que isso era uma grande falha. Mas, como acontecia em qualquer

lugar, no *Roda Viva* a insegurança só durou alguns minutos. Em pouco tempo, Hebe já dominava a entrevista. Foi a primeira entrevistada do programa a ser aplaudida por todos os entrevistadores no final. A soberana da telinha transformava qualquer estúdio ou palco em seu reino. Acho que o brilho da estrela impedia que ela se visse.”

Nunes não a chama de “soberana da telinha” por acaso. Hebe tinha o direito legítimo de usar esse título. Quando era apenas uma cantora de rádio, no fim da década de 1940, recebeu muitos epítetos que não chegaram a marcar sua carreira. Foi a Morena Brejeira do Samba, a Queridíssima, a Estrelinha, a Estrelinha do Samba, a Estrela de São Paulo, a Moreninha do Samba, a Estrela do Planalto, a Vitamina do Samba... Em 1960, porém, em votação popular promovida pela *Revista do Rádio*, foi eleita a Rainha da Televisão. Teve 105.450 votos, mais que o dobro da segunda colocada, Angela Maria, com 45.200, e deixando para trás outras candidatas famosas, como Isaurinha Garcia (terceiro lugar, com 38.420 votos), Maysa (quarto lugar, com 33.079 votos) e Marlene (quinto lugar, com 37.180 votos).

Em 1960, Hebe já era uma apresentadora experiente. Com uma dúzia de programas de TV no currículo, acumulava as funções de cantora e apresentadora, o que não era comum. Naquela época, as mulheres não apareciam muito no comando de shows televisivos, principalmente à frente de auditórios. A situação não era muito diferente quase trinta anos depois, quando Hebe chegou ao *Roda Viva*.

Ela foi a primeira de todas, teve seguidoras, mas o mundo dos apresentadores, aqueles que também eram chamados de animadores de auditório, continuava a ser, na sua essência, um

mundo de homens. Do time de profissionais que se convencionou chamar de “comunicadores” faziam parte J. Silvestre, que usava a formalidade como arma; Abelardo “Chacrinha” Barbosa, um mestre da irreverência; Flávio Cavalcanti, adepto do sensacionalismo; e Silvio Santos, que habituou o espectador a esperar o inesperado. Com um pouco das características de cada um de seus rivais, Hebe era a única mulher do grupo — durante um período, nos anos 1960, houve também Bibi Ferreira —, o que garantia a seus programas um toque de feminilidade e outro tanto de feminismo, num universo essencialmente machista.

Não se deve estranhar, portanto, que somente cantoras tivessem ameaçado sua vitória na eleição da *Revista do Rádio* que escolheu a Rainha da TV. Hebe ganhou o título e, até mesmo porque não se ouviu falar de outro certame do gênero, nunca mais ninguém o tomou dela. E foi como Rainha da Televisão, primeira e única, que ela se sentou no centro da roda-viva naquela segunda-feira, em agosto de 1987. Ou como “soberana da telinha”, o jeito de Augusto Nunes classificá-la.

Diferentemente do que acontecera nas edições anteriores do programa, os entrevistadores foram cordiais ao extremo com a convidada. “Eu achei que seria um programa mais agressivo, mas os entrevistadores trocaram as perguntas”, interpreta Augusto Nunes. “Eles sentiram de cara que a Hebe era uma pessoa boa.”

Hebe, como qualquer um que se sentasse ali, tinha motivos de sobra para estar nervosa e insegura. Desde a estreia, o *Roda Viva* apresentava um cenário hostil ao convidado. Havia, por exemplo, uma câmera fixa posicionada em cima do entrevistado, no alto do estúdio, e muitas vezes o convidado temia que ela

caísse em sua cabeça. A tal câmera transmitia ao telespectador a sensação de que o convidado não estava à vontade, e quase sempre era esse o caso. Nunes define: “Era um programa *contra* o entrevistado, fosse ele quem fosse.” Hebe estava tensa, portanto, mas é difícil acreditar que estivesse intimidada diante do grupo de entrevistadores.

Com exceção de Ruy Castro, que estava diante da Hebe pela primeira vez, todos os outros podiam ser considerados amigos dela, ou pelo menos tinham alguma proximidade com a apresentadora. Desde que passara a promover debates em seus programas, Hebe costumava convidar alguns jornalistas para participar da discussão. Eram profissionais que ela admirava e que a deixavam mais segura para comandar as conversas. Quase todos os convocados para entrevistá-la no *Roda Viva* faziam parte desse grupo. É natural imaginar que ela tenha escalado o time de entrevistadores.

No entanto, Hebe escancarou o tempo todo sua autoestima pouco elevada, devido ao que ela considerava uma formação escolar medíocre. Não estava acostumada a dar entrevistas ao vivo, sujeitando-se a ter suas opiniões e escolhas questionadas. E era justamente esse o esquema do *Roda Viva*. Hebe ficava mais à vontade respondendo questionários elaborados pela imprensa especializada em rádio e TV. Uma vez, apareceu na seção “Ficha completa” da *Revista do Rádio*. Nem a revista queria perguntar, nem Hebe queria responder sobre qualquer tema que pudesse suscitar polêmica. Era esta a ficha completa da Hebe Camargo em 1960:

Nome completo: Hebe Maria Monteiro de Camargo

Data de nascimento: 8 de março

Local em que nasceu: Taubaté (São Paulo)

Religião: Católica apostólica romana

Cor política: Democrata cem por cento

Peso atual: 60 quilos. Acha que está muito “gorduchinha”

Algumas medidas: Altura — 1,61; cintura — 60; busto — 96; quadris — 94; tornozelo — 21

Residência: Rua Petrópolis (bairro do Sumaré, em São Paulo)

Cor da pele e dos cabelos: Pele morena, cabelos naturais castanhos, quase pretos

Esporte predileto: Adora natação, embora nade tão bem quanto um prego

Diversão preferida: Cinema. Embora tenha uma certa preferência pelos filmes policiais, gosta de todos os outros gêneros

Hora de deitar e de levantar: Varia de acordo com os compromissos que assume, mas, de maneira geral, costuma deitar-se às 11 horas da noite e acordar às 10 horas da manhã. Só acorda cedo para viajar.

Horário das refeições: Almoça às 12h30 (um prato reforçado) e só janta depois de atuar em seu último programa, geralmente depois da meia-noite

Pratos preferidos: Nhoque, filé com champignon e salada de alface bem temperada

Opinião sobre os inimigos: Não os tem, mas, se tivesse, não se incomodaria com eles

Complexos que possui: Até agora não encontrou nenhum, mas acredita que possa ter alguns bem escondidinhos

Defeitos: Diz que uma página inteira da *Revista do Rádio* não daria para descrevê-los

Qualidades: Prefere não citá-las, pois acha que louvor de boca própria não tem a menor valia

Situação financeira: Boa, melhorando sensivelmente

Coisa de que mais gosta: Viver

Coisa que mais detesta: Inveja

Opinião sobre si mesma: “Não tive tempo ainda de analisar a mim mesma, mas gostaria de fazê-lo para me descobrir”

Um grande homem: Franklin Delano Roosevelt

Um político: Juscelino Kubitschek de Oliveira

Um escritor: Antoine de Saint-Exupéry

Se repetissem essas perguntas, os entrevistadores do *Roda Viva* perceberiam o quanto Hebe mudou. A medida do busto teria de ser diminuída em virtude da cirurgia plástica radical a que ela se submeteu não muitos anos depois de o questionário ser publicado. Definir a cor dos cabelos da loura mais famosa do Brasil como “quase pretos” certamente provocaria risadas. E Saint-Exupéry... Bem, nos anos 1980, nem mesmo as misses tinham coragem de citar o autor de *O Pequeno Príncipe* como escritor preferido. Ao mesmo tempo, é fácil supor que ela manteria a resposta ao ser indagada sobre “a coisa de que mais gosta”. O que Hebe sempre curtiu a vida inteira foi “viver”.

Mas não foi esse o tipo de pergunta que a esperava. E, apesar de os entrevistadores terem sido delicados, Hebe expôs suas fragilidades. Logo no começo do programa, ao responder à primeira pergunta feita por Augusto Nunes — algo sobre o sucesso que vinha fazendo e o interesse que despertava em toda a imprensa —, deixou evidente a baixa autoestima em relação à sua formação cultural. Nem era essa a questão, mas ela iniciou a resposta com uma referência ao tema. “Não sou tão ignorante como as pessoas... como algumas pessoas imaginam que eu seja”, disse.

Pouco depois, Ruy Castro quis saber se ela sofrera com a Censura durante a ditadura militar. Hebe relatou alguns problemas que tivera, vinte anos antes, em seu programa na TV Record, quando entrevistou o cantor Juca Chaves, um crítico de qualquer governo, e o dramaturgo Plínio Marcos, um dos artistas mais perseguidos naquele período. Ela demonstrava orgulho por ter recebido essas duas personalidades em seu sofá, mesmo sabendo que a Censura iria incomodar. Mas não perdeu a chance de, mais uma vez, trazer à baila o assunto de sua formação escolar. “O meu programa sempre foi uma tribuna. Eu sempre convidei as pessoas de todas as tendências, de todos os partidos. Então, às vezes eu fico surpresa e digo: realmente, eu sou muito ignorante, como alguns dizem, ou muito burra...” E aí, meio perdida na resposta, passou a falar de uma suposta proibição à presença de Lula (na época, deputado federal) na TV Globo (“No meu programa o Lula vai”, vangloriou-se). Mas por que, ao falar de Censura, Hebe voltou a lembrar que era chamada de ignorante, de burra? Dava a impressão de que, antes que alguém a ofendesse, ela mesma tratava de se desqualificar.

A certa altura, Otávio Mesquita quis saber se Hebe, após tantos anos de carreira, ainda se sentia nervosa ao entrar em cena. Ao responder, ela voltou a fazer referência às lacunas em sua formação cultural. “Fico, fico extremamente nervosa. Mas, quando eu entro no palco, me acalmo pelo seguinte: eu nunca prometi para ninguém fazer programa cultural, porque senão eu estaria numa outra emissora e não seria nem eu, não é? Eu ficaria por trás dos bastidores, talvez carregando um cabo, ou

fazendo qualquer coisa, mas não um programa cultural, porque às vezes me cobram...”

Nesse momento, Hebe foi interrompida. As referências à burrice, à ignorância, à falta de cultura ameaçavam dominar a entrevista, até que José Roberto Paladino, o repórter que fizera a reportagem de capa com ela para a revista *Afinal*, pediu que ela explicasse: “Por que você faz questão de enfatizar uma pseudocultura sua? (...) Isso é uma estratégia de marketing?”

“Não, não é”, reagiu Hebe. “É porque, geralmente, quando eu leio coisas a meu respeito de pessoas que não sei com que intenção dizem que eu sou burra, analfabeta...”

A partir daí, Hebe passou a se referir a uma crítica negativa assinada por Cora Rónai e publicada na tal reportagem da *Afinal*. Na época, Cora era crítica de TV do *Jornal do Brasil*. “Ela disse que não entende como é que tenta ver os meus programas e os do Silvio Santos e não consegue. Ela é crítica de televisão. Eu acho que ela está errada, ela deveria ser crítica de literatura.”

Nesse ponto, Hebe olhou para a câmera e começou a se dirigir diretamente a Cora: “Minha cara, você não é obrigada a assistir ao meu programa e nem eu sou obrigada a fazer um programa de cultura porque eu não sou... Eu sou uma pessoa que gosta da vida, que admira o ser humano, que, se puder ajudar, eu ajudo, mas atrapalhar, eu jamais atrapalho. Agora, você dizer que não entende, e que nem é por preconceito, não sei o quê, mas você é extremamente preconceituosa. Agora, não me cobre isso, eu não tenho obrigação de saber tudo e, quando eu não sei, eu pergunto, eu não tenho vergonha de perguntar.

Agora, você está no lugar errado, você não deveria ser crítica de televisão, não.”

Será que Cora teria mudado de opinião se escrevesse hoje uma crítica sobre o programa da Hebe? “Acho que sim”, diz a jornalista, que, com o passar do tempo, abandonou a crítica de TV, tornou-se cronista e se especializou em jornalismo ligado à área de tecnologia. “Eu era mais intolerante. Hoje aceito coisas que não aceitava naquela época. Acho que isso faz parte do processo de amadurecimento.” Hebe iria gostar dessa Cora amadurecida. “Ela tinha toda razão. Eu não deveria ser crítica de TV.”

Qualquer crítica atingia Hebe. Em julho de 1956, ela havia lançado um disco em 78 rotações. Era o segundo só naquele ano. De um lado, o mambo “Sim ou não”, de Mário Gennari Filho e Joamar; do outro, a versão de Júlio Nagib para o bolero “Meu último fracasso”, de Alfredo Gil. Numa coluna da revista *Cigarra*, o disco foi avaliado: “Hebe Camargo é a representante de São Paulo na arte de cantar mal. Seu prestígio é um mistério que só pode se explicar com padrinhos muito fortes. É muito bonita e simpática, viva e inteligente. Desafina. Tem orquestrador especial para seu repertório e se veste muito bem.”

Como se vê, não é exatamente uma avaliação positiva. Também não significou nada para a trajetória da artista, que, naquele tempo, ainda dava mais atenção à carreira de cantora que à de apresentadora. Hebe não deixou de vender um disco sequer pelo fato de ter sido publicado que ela cantava mal e desafinava. Apesar disso, eliminou o nome do crítico, recortou a nota e a guardou para o resto da vida. Pelo menos ali estava escrito que ela era inteligente.

Chega a ser irônico que uma pessoa tão preocupada com os que a consideravam sem cultura tenha sido o primeiro ídolo da TV a ser objeto de estudo em uma universidade. Quando se começou a falar em cultura de massa no Brasil, no fim dos anos 1960 e começo dos anos 1970, o programa de Hebe na TV Record foi o tema da dissertação de mestrado de Sergio Miceli. O jovem sociólogo já tinha visto suas duas primeiras ideias serem rejeitadas pela direção acadêmica do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP). Uma tinha a ver com o movimento tropicalista, tema considerado “demasiado candente” naqueles idos da ditadura; a outra era sobre o pensamento nacional-desenvolvimentista dos intelectuais atuantes no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb), no Rio de Janeiro, maior rival do que poderia se chamar de filosofia da USP. Como já vinha pesquisando para um artigo sobre a televisão, Sergio foi estimulado a ampliar o artigo e transformá-lo em dissertação de mestrado. Assim nasceu *A noite da madrinha*, publicada como livro em 1972. No prefácio de uma reedição lançada em 2005, o próprio autor explica o título: “Aludia ao aconchego do espectador no sofá, assistindo no vídeo à réplica da sala de visitas em que sucedia a embolada sentimental simulada pela comadre-animadora, que se fazia passar por uma espécie de rebuliço em forma de gente.”

A linguagem de *A noite da madrinha* é difícil como os textos sociológicos de sua época; não é leitura para leigos. Hebe nunca aprovou o livro. Para ela, a crítica a seu trabalho que leu nas entrelinhas da tese chamava mais atenção do que o prestígio de ser estudada pela academia. Miceli reavaliou seu percurso na edição de 2005: “Hebe Camargo sobreviveu a todos os congêneres

de 1960 e 1970 (...) Ela se impôs pelo vigor do carisma pessoal, pelo trabalho puxado e, claro, pela esmerada repaginação de sua figura pública.”

E Hebe ainda perguntava por que mereceria ser entrevistada pelo *Roda Viva*. Cantora de sucesso, apresentadora de TV que se transformou em fenômeno de audiência, assunto de dissertação de sociologia, queridinha da imprensa, Rainha da Televisão coroada em eleição direta... Talvez por tudo isso ela não conseguisse esconder o nervosismo. Quando aceitou se submeter às perguntas dos “intelectuais” naquela arena, ela tremia quase tanto quanto no primeiro programa de calouros de que participou. Foi em 1942, no *Calouros Kol-Kin*, da Rádio Record, de São Paulo. Tinha 13 anos e imitou Carmen Miranda interpretando “Disso é que eu gosto”, um choro de Luiz Peixoto e Vicente Paiva. Com o jeito brejeiro que marcou seus primeiros passos na música, ela repetiu as entonações de Carmen, sua cantora preferida:

*Não sou cantora, não pretendo ir pro Scala
Não sou soprano ligeiro porque a voz eu não imposto
Eu sou do samba, e quando o samba é ritmado
Aí me espalho um bocado
Ah... disso é que eu gosto*

Hebe ficou em primeiro lugar, e então descobriu que a vitória lhe daria direito a um prêmio em dinheiro. Deixou a quantia com os pais, para ajudar nas despesas da casa, e resolveu se dedicar seriamente aos programas de calouros, a fim de aumentar a renda da família. Só que, para cumprir esse objetivo, largou os

estudos. “Foi por necessidade”, diria anos depois. “Foram justamente os prêmios que me levaram a tentar a carreira artística. Precisava ganhar a vida. Era de família pobre, do interior. Vivia cantando o dia inteiro pela casa. Até que percebi que podia lucrar com isso. Foi aí que tudo começou.”